

CORAGEM



(Coleção Antídotos para o Inferno, I)

CORAGEM



Setembro 2025

Sumário:

Introdução	i
O gigante e o anão	1
O gigante sem coração	4
A gruta do Ciclope	7
50ª Noite	10
Santa Iria	13
A bruxa que enganou o marido	16
Bernal-Francês	19
Aracne	22
Processo 5940 Inquisição de Évora	24
O surrão	26
Quem vem lá?	28

Medo e Coragem: mapas e conexões

Este livro é uma antologia de textos que resulta do trabalho realizado na oficina organizada pela EVA Cartonera, em colaboração com o Serviço Educativo do Bairro dos Museus de Cascais.

A oficina decorreu, em setembro de 2025, na Casa das Histórias Paula Rego, e inscreve-se num ciclo mais alargado de cinco ateliês - que denominámos "Antídotos para o Inferno" - que visam pensar e sentir a obra de Paula Rego a partir de uma dupla de conceitos: o veneno e a sua reversão, não enquanto ideias antagónicas, mas como o verso e o reverso de uma mesma realidade.

Neste primeiro ateliê o tema trabalhado foi a Coragem como reverso do Medo. Foram selecionadas cinco obras de Paula Rego patentes na exposição permanente da Casa das Histórias, em que a artista nos desassossega revelando dores tornadas invisíveis por uma sociedade que quer esconder a crueldade que inflige.

São obras em que Paula Rego "dá uma face ao Medo", desocultando as atrocidades sofridas pelos que estão nas margens, e em que, tendo em especial atenção a situação da mulher, incita à desobediência face a séculos de opressão feminina (Toral, 2018).

Nestas obras a artista recorre a contos, rimas infantis e romances tradicionais, que encerram histórias que espelham os dilemas e problemas morais com que a humanidade se defronta há muitos séculos, para apontar caminhos de Coragem.

Partimos, assim, das histórias que Paula Rego conta na sua obra gráfica, para as relacionar quer com os textos que possam ter estado na sua origem, quer com outros escritos que, na nossa perspetiva, estão com elas conectados.

Se Paula Rego pinta o rosto do Medo para induzir a Coragem da transformação, libertando a vítima do seu papel tradicional na história (Lisboa, 2019); o antídoto do Medo corresponderá à Coragem da transformação e à libertação da violência que amputa a vítima de ser quem inteiramente é.

Nos textos que compõem este livro procurámos, assim, os ecos da Coragem que possibilita a libertação dos oprimidos. Por este motivo, procurámos contos, romances, canções, lendas e mitos que nos falassem da Coragem que assiste aos desamparados.

A conexão entre estes textos da mitologia clássica e do imaginário popular e a obra gráfica de Paula Rego é feita pelas histórias que transmitem, podendo resumir-se no seguinte mapa de correspondências:

Paula Rego
O Gigante Encantado,
1975



- Conto tradicional português: "O gigante e o anão";
- Conto tradicional norueguês: "O gigante sem coração";
- Mitologia clássica: Ulisses na ilha dos Ciclopes.

Paula Rego
A velha mãe gansa,
1989



- Conto de As Mil e Uma Noites: "50ª Noite";
- Processo n.º 5940 da Inquisição de Évora;
- Conto tradicional português: "A Bruxa que enganou o marido".

Paula Rego
Oh, meu pobre amor
"Bernal- Francês"



- Canção tradicional do Algarve: "Santa Iria";
- Romance "Bernal Francês", adaptação de Almeida Garrett.

Paula Rego
Little Miss Muffet,
1989



- Excerto de poema: "Aracne", de António Franco Alexandre

Paula Rego
Quem Vem Lá?, 1986



- Conto tradicional português: "O Surrão";
- Excerto do conto "Quem Vem lá?", de Eric Jourdan

Em suma, reunimos neste livro histórias sobre a Coragem da inteligência, do empenho, da sensibilidade e da astúcia que permitem enfrentar o Medo:

- o pequeno rapaz que engana o gigante;
- a frágil aranha que tece o fio que derruba o Minotauro;
- a criança que interroga o papão;
- as mulheres que encontram na natureza os encantamentos que as fazem voar.

Bibliografia

LISBOA, Maria Manuel - Essays on Paula Rego : smile when you think about hell. Cambridge: Open Book Publishers, 2019.

TORAL, María - Paula Rego: giving fear a face. Fuenlabrada: CEART, 2018.

Nota: Os excertos das obras trabalhadas em oficina apresentam-se dactiloscritos.

O GIGANTE E O ANÃO

Havia uma mulher que tinha dois filhos e o mais novo era anão.

Um dia o filho mais velho encontrou-se no monte com um gigante de aspecto medonho, que tinha apenas um olho, enorme, no centro da testa. O gigante, ao ver o pastor, pegou numa pedra e esmagou-a com as mãos, ao mesmo tempo que o ameaçava:

- Vês o que faço a esta pedra? Se te torno a apanhar aqui com as ovelhas faço-te igual.

O rapaz foi para casa e contou à mãe o sucedido, dizendo que não queria voltar a ir para o monte com as ovelhas.

O filho anão decidiu ser ele a resolver o problema. Pediu à mãe um bocado de manteiga fresca, meteu-a no bernal, chamou as ovelhas e lá foi para o monte. Ao vê-lo chegar, o gigante aproximou-se com uma pedra e procedeu da mesma forma.

O anão não se assustou. Tirou do bernal o pedaço de manteiga e, esmagando-o nas mãos, disse-lhe:

-E eu a ti faço-te isto!

O gigante, que julgou tratar-se de um sei-xo, ficou de tal modo impressionado com a proeza que resolveu contratá-lo para seu criado, pagando-lhe duas moedas de oiro por dia. Como condição, o anão teria de ganhar-lhe em tudo. De contrário matava-o.

== Excerto de conto tradicional português publicado em "Mitologia popular portuguesa", de Alexandre Perafita



Colagem de Joaquim Jordão

O GIGANTE SEM CORAÇÃO

"Adeus, meu Pai", disse o Príncipe, voltarei quando encontrar os meus irmãos, que trarei comigo" e assim partiu.

Depois de muito cavalgar encontrou um Lobo tão faminto que se arrastava no caminho.

"Querido Amigo, deixa-me comer o teu cavalo" disse o Lobo, "tenho tanta fome que o vento assobia nas minhas costelas."

"Não posso ajudar-te", respondeu o Príncipe, "pois preciso do cavalo para fazer o resto do caminho."

"Não seja por isso", disse o Lobo, "podes montar no meu dorso e, em troca, ajudar-te-ei quando mais precisares."

O Príncipe concordou, colocou as rédeas no Lobo que, restabelecido, desatou a cavalgar com grande rapidez.

"Daqui a pouco verás a casa do Gigante e os teus seis irmãos que ele transformou em pedra. Quando chegarmos mostro-te a porta por onde poderás entrar."

E assim aconteceu. Assim que entrou, encontrou uma Princesa que lhe disse: "Agora que

entraste não conseguirás sair, pois não é possível matar um Gigante sem coração." Mas o Príncipe pediu-lhe ajuda para escapar, salvar os irmãos transformados em pedra e salvá-la também a ela. A Princesa acedeu e escondeu-o debaixo da cama.

Quando a noite caiu e a Princesa e o Gigante se foram deitar, disse a Princesa: "Há uma coisa sobre ti que sempre temi perguntar."

Que coisa é essa!" perguntou o Gigante.

"Gostava de saber onde guardas o teu coração pois não o trazes contigo."

"Está debaixo do umbral da porta" respondeu-lhe o Gigante.

Na manhã seguinte, assim que o Gigante cruel saiu de casa, o Príncipe e a Princesa foram procurar o seu coração, mas por mais que escavassem debaixo da porta não o encontravam.

== Adaptação do conto tradicional norueguês "The Giant that had no heart in his body" publicado em "East of the Sun and West of the Moon", de Peter C. Asbjørsen e Jorgen Engebretsen



Colagem de Isabel Lança

A GRUTA DO CICLOPE

Eu ali fiquei, a pensar como poderia vingá-me dele, se Atena ouvisse a minha prece. E aquilo que me pareceu melhor foi isto. Havia ali na gruta um grande tronco de oliveira verde, que o Ciclope cortara para depois usar como cajado, quando secasse. Era tão grande como o mastro de uma nau de carga. Enquanto os companheiros alisavam o tronco, eu tratei de aguçar a ponta, endurecendo-a de seguida no fogo ardente.

Depois escondi o tronco debaixo do esterco que, em grandes quantidades, estava espalhado pela gruta fora.

Ao cair da tarde, o Ciclope voltou com os rebanhos. Levantou e voltou a pôr no sítio a grande pedra da porta e sentou-se a ordenhar as ovelhas e as cabras. Depois, de novo agarrou dois homens e deles fez a sua refeição. Então aproximei-me do Ciclope e dirigi-lhe a palavra, segurando na mão uma tigela cheia de vinho:

- Ó Ciclope, olha, bebe este vinho! Trazia-te este vinho esperando que te apiedasses de mim e me ajudasses a voltar para casa. Mas estás louco, homem cruel!

Ele pegou na taça, bebeu e pediu logo para beber uma segunda vez.

Depois de o vinho ter dado a volta ao Ciclope, caiu para trás e ali ficou com o grosso pescoço de banda.

Tirei então o tronco do fogo; os companheiros estavam à minha volta e um deus insuflou-nos uma grande coragem. Tomaram o tronco de oliveira aguçado na ponta e enterraram-no no olho do Ciclope.

O Ciclope dava gritos lancinantes, e toda a rocha da caverna ressoou. Recuámos, aterrorizados, enquanto ele arrancava do olho o tronco imundo e coberto de sangue. Depois lançou o tronco para longe e, perdido de fúria, chamou alto pelos Ciclopes que viviam ali ao pé.

== Excerto de "A Odisseia", de Homero

a gruta do ciclope



Colagem de Maria do Sameiro

50ª NOITE

A filha do rei pegou na faca com nomes gravados em hebraico e com ela desenhou um círculo no chão do átrio central do palácio, onde escreveu nomes em caligrafia cúfica e outras palevras talismânicas.

Depois conjurou um encanto e instantes depois vimos o mundo escurecer até os nossos olhos nada conseguirem ver e cuidámos que o céu nos caía em cima.

E num pronto apareceu o demónio, descendo sobre onde estávamos, com a forma de um leão e a força de um toiro.

Vai a rapariga e disse:

- Desanda daqui cão!

Ao que o demónio replicou:

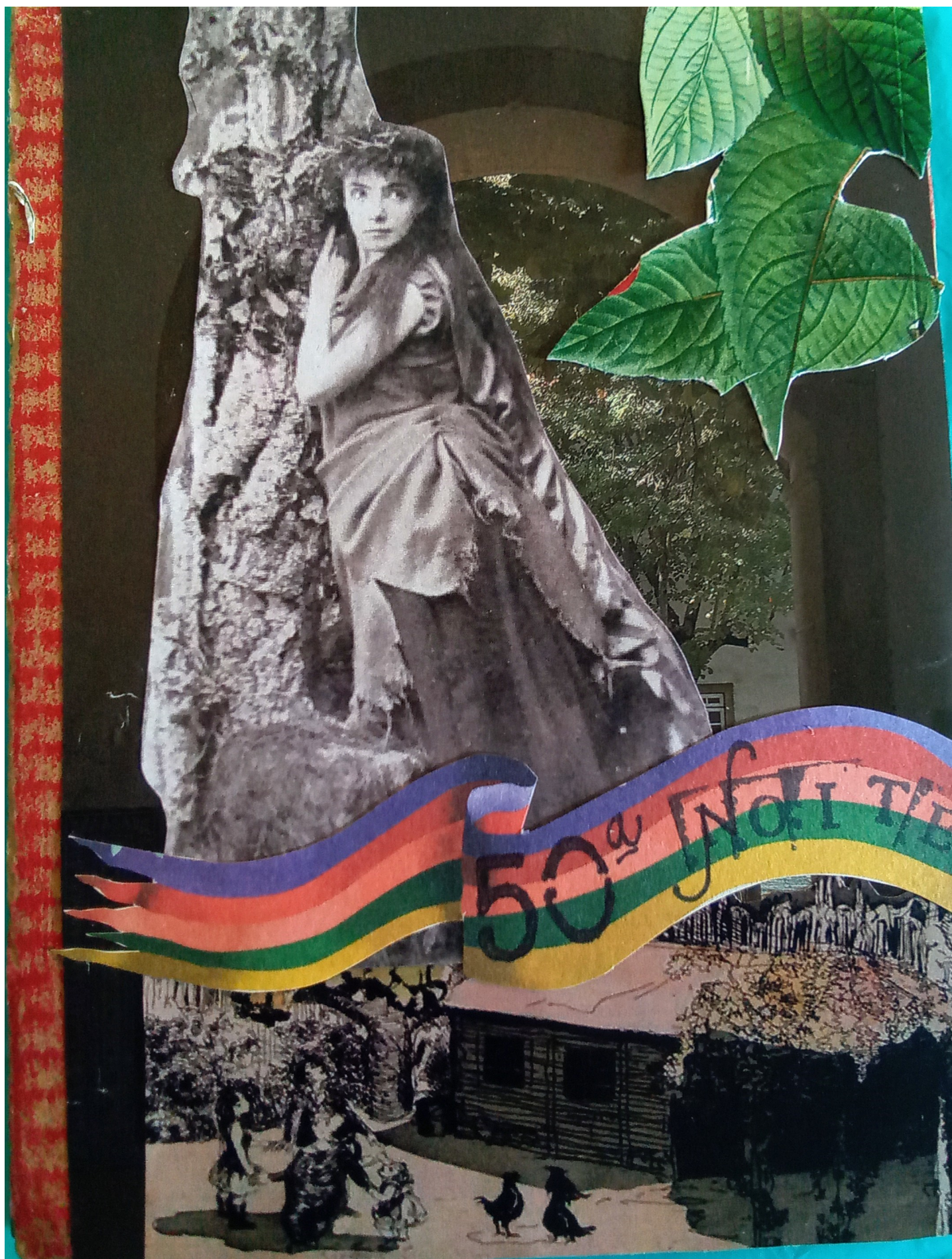
- Traidora!

E, abrindo as mandíbulas, lançou-se sobre a moça, que num ápice arrancou um cabelo da sua cabeça, agitou-o, murmurou umas palavras e o transformou numa espada afiada.

E vai ela corta o leão em duas partes que voaram, tendo-se a cabeça transformado em lacrau.

A moça, por sua vez, mudou logo de forma tornando-se uma enorme serpente, e os dois travaram uma luta aguerrida entre si.

in "As mil e uma noites"



Colagem de Teresa Lança

SANTA IRIA

Estando Dona Iria
À porta assentada
Bordando a fio de ouro
Na sua almofada,
Veio um cavaleiro
Pedir-lhe pousada.

Era meia noite
Se alevantava
Das três irmãs que eram
Iria levava.

Caminho andado
Ele perguntava
Em sua casa, Iria,
O que almoçava?

Em casa almoçava
Sopinhas de mel,
Meu almoço aqui
Sopinhas de fel.

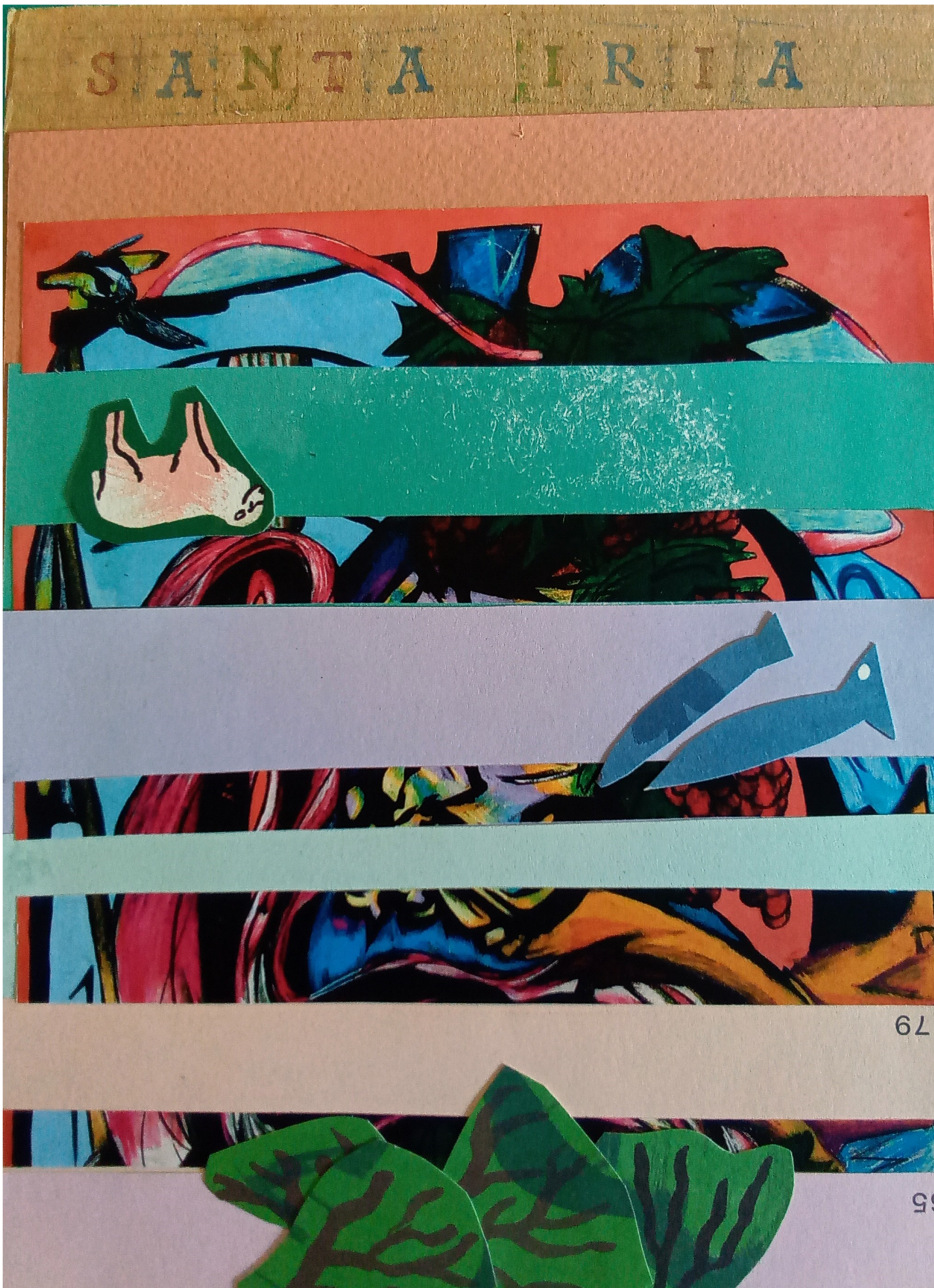
Andou sete léguas
Ele perguntava:
Em sua casa, Iria,
O que é que jantava?

Em casa comia
carne bem guisada,
Meu jantar aqui
Sardinha salgada.

Lá me chamariam
Iria fidalga,
Cá nestes penedos
Sou a desgraçada.

Tirou do alfange
E logo a matava
Cobriu-a de ramos
E ali a deixava.

in "Romanceiro e cancionero do Algarve",
de Ataíde Oliveira



Colagem de Anne Design

A BRUXA QUE ENGANOU O MARIDO

- Compadre, a tua mulher é bruxa e em tua casa fazem-se todas as noites reuniões de bruxas!
- Isso não pode ser verdade, eu nunca vi nada!
- Então à noite o que é que a tua mulher te dá?
- Ela costuma dar-me chá.

O vizinho concluiu:

- Então é isso mesmo, esse chá faz com que tu durmas. Da próxima finges que bebes o chá e não bebes.

O homem assim fez.

Então através de um postigo, o homem conseguiu ver a reunião das bruxas. Estas meteram ao lume uma panela com um galo e na asa dessa panela colocaram um sapo dizendo-lhe:

- Guardiãozinho guarda o nosso galinho.

Em seguida gritaram:

- Avoa, avoa por cima de toda a folha!...

O homem ao ver tal espectáculo, quis também experimentar, comeu o galo, deitou o sapo para a panela e gritou:

- Avoa, avoa por baixo de toda a folha!...

Como havia dito mal as palavras do feitiço, voou por baixo de toda a vegetação e picou-se todo.

As bruxas entretanto chegaram a casa e começaram a comer a canja. De repente desataram a cair e a morrer uma a uma, porque a canja era de sapo e não de galo.

No dia seguinte, todos os maridos se queixavam que lhes faltavam as mulheres.

== Adaptação de conto tradicional português publicado em "Lendas e histórias do Piódão", de Paulo Ramalho



Colagem de Paula Louro

BERNAL-FRANCÊS

- Quem bate à minha porta, quem bate, oh, quem está aí?

- Sou Bernal-Francês, Senhora, vossa porta, amor, abri.

- Se vós sois Bernal-Francês a porta vos vou abrir, mas se é outro cavalheiro, embora se pode ir.

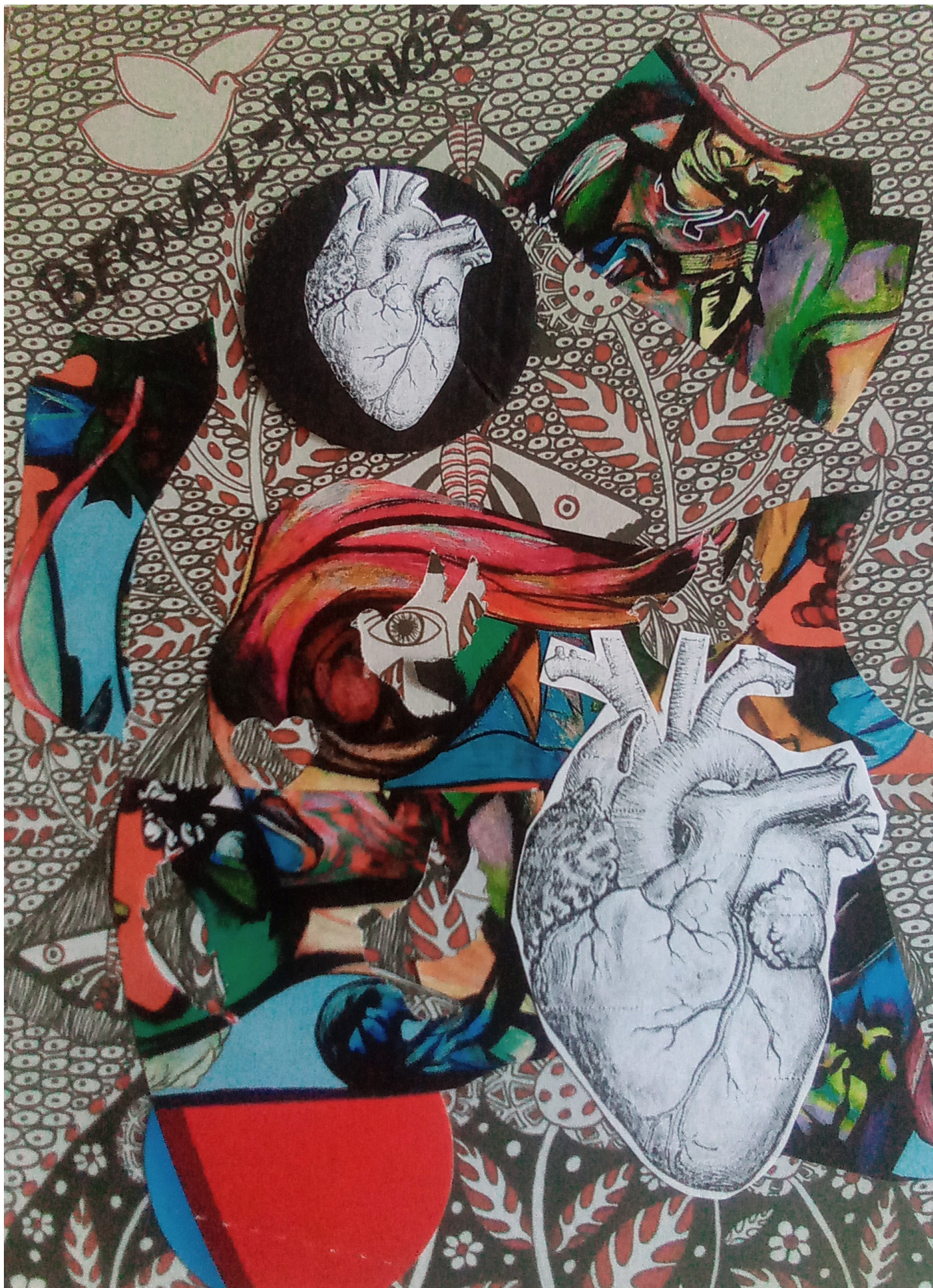
Ao abrir a porta se apagou o meu candil; deilhe a mão para ele entrar, peguei nele nos meus braços, deitei-o ao pé de mim.

- Já é dada a meia noite, sem te virares para mim. Se tens medo de meu pai, ele está longe daqui; se temes os meus criados, não te farão mal a ti; se tens medo ao meu marido, está bem longe de ti.

- Eu não temo do teu pai, que ele sogro é de mim; não temo dos teus criados, que mais me temem a mim; nem temo do teu marido, nem dele nunca temi. Teme tu, falsa, traidora, que o tens deitado aqui.

Deixa tu vir a manhã que eu te darei de vestir. Vestirás saia de malha, roupinhas de carmesim, gargantilha de cutelo, já que o quisesse assim!

in "Romanceiro", de Almeida Garrett



Colagem de Dina Duque e Helena Patrício

ARACNE

É breve a vida; mal sabemos
fiar um fio, e conceber a seda,
já se gastou a areia na ampulheta;
a frágil obra que fizemos, fica
aberta ao vento, à chuva, ao descuidado
ofício da coruja e da serpente.

= António Franco Alexandre



Colagem de Paula Cruz

PROCESSO 5940 DA INQUISIÇÃO DE ÉVORA

Em 1574, Inês do Carmo, uma escrava recentemente libertada, vivia em Tavira.

No momento em que foi detida, tinha 48 anos de idade e era cohecida entre os seus vizinhos como "a Palita" ou "a Viva".

Entre outras coisas, Inês do Carmo foi acusada de pronunciar o seguinte ensalmo supersticioso, utilizado na cura de um vizinho:

- Voem, pulgas! Voem, pulgas! Voltem para o vosso sítio! Não veem que saltar assim vos vai cansar?

Aparentemente a curandeira atribuía a doença do jovem a pulgas invisíveis.

Inês do Carmo teve uma pena surpreendentemente severa. Para além de ter sido açoitada pelas ruas públicas de Évora, foi exilada durante quatro anos para Viseu e proibida de voltar a entrar em Tavira ou nos seus arredores.

in "Médicos, medicina popular e Inquisição",
de Timothy D. Walker.



Colagem de Helena Patrício

O SURRÃO

Quando estavam a brincar na água passou um velho e, vendo os brincos em cima da pedra, pegou neles e deitou-os para dentro do surrão.

A rapariga ficou muito aflita quando viu aquilo e correu atrás do velho que já ia longe.

O velho disse-lhe que lhe entregaria os brincos, contando que ela os fosse buscar ao surrão. A rapariga foi buscar os brincos e o velho fechou o surrão com ela dentro, botou-os às costas e foi-se de vez.

O velho, ao passar a serra, abriu o surrão e disse para a pequena:

- Daqui em diante hás-de-me ajudar a ganhar a vida; eu ando pelas ruas a pedir e quando disser:

Canta, surrão,

Senão levas com o bordão...

tens de cantar por força. Toma tento.

== Excerto de conto tradicional português publicado em "Contos populares do Algarve", de Teófilo Braga



Colagem de Margarida Amoreira

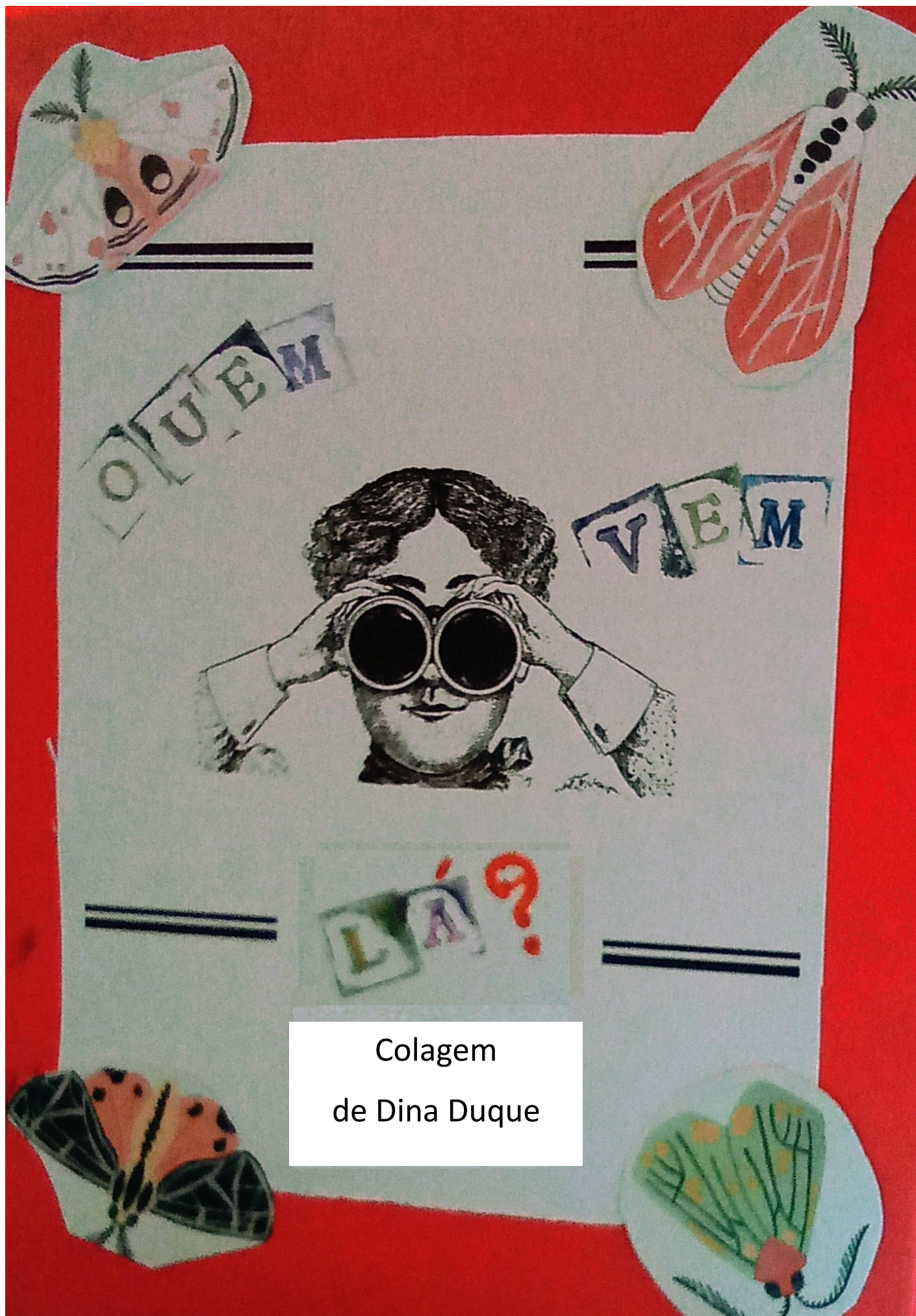
QUEM VEM LÁ?

"Quem vem lá, quem vem lá, quem vem lá?"
dizia o coração de ânimo mais tranquilo, mais
lentamente, como alguém que sabe para onde
vai.

- Eu - respondeu o João - eu, eu, o João, só
eu.

E a lamparina apagou-se de repente, livre das
bonecas da noite.

== Excerto de "Quem vem lá?",
conto publicado em
"Barba Azul e Companhia",
de Eric Jourdan



Colagem
de Dina Duque

Exemplar ____/200

